Ano III (Segunda epoca) — *Sabado, 7 de Março de 1908.* — Num 8.

A LUCTA PROLETARIA

Órgão da Federação Operária do Estado de S. Paulo

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES DEVE SER OBRA DOS MESMOS TRABALHADORES.

ENDEREÇO: CAIXA DO CORREIO 580
SÃO PAULO (Brasil

OPERARIOS: SOMOS PEQUENOS PORQUE ESTAMOS DE JOELHOS. LEVANTEMO-NOS.

ESPEDIENTE

Condições de assinatura:

1 mez	$500
3 mezes	1$500
6 „	3$000
1 ano	6$000

A todos os jornaes operários pedimos a remessa de um esemplar para a redação.

O encarregado do jornal pode ser encontrado na nossa séde todos os dias das 8 ás 4 e das 7 ás 9 da noite.

Os companheiros do interior que tenham possibilidade de organizar conferencias de propaganda podem contar com a cooperação do nosso redátor: basta avisar-nos com alguns dias de antecedencia.

Toda a correspondencia para a *Federação Operaria* deve ser dirijida á CAIXA DO CORREIO 580.

O 2.° Congresso Estadoal Operário

Na próssima semana publicaremos os rezultados do nono *referendum* a respeito do congresso operário que se realizerá nos dias 17-19 de Abril deste ano.

Pedimos a todas as Ligas e sindicatos que ainda não responderam a respeito, o favor de responderem até quinta feira da semana próssima.

A publicação dos temas tambem a começaremos com o numero prossimo.

Não esperem, os que desejam aprezentar temas ao congresso, a ultima hora para envia-los. Lembrem-se que é preciso que os mesmos sejam discutidos nas assembleias dos sindicatos antes de passar á discussão do congresso.

UMA BOA INICIATIVA

A Liga dos Pedreiros e anecsos deliberou festejar no dia 14 de maio o aniversario da conquista das *Oito Horas* em S. Paulo.

E' muito provavel que a «União dos Sindicatos» adira à iniciativa dos companheiros pedreiros, e nesse dia toda a colètividade operária de S. Paulo se encontrará unida para comemorar uma vitória que com a sua enerjia e, digamo-lo tambem, com a sua audacia soube arrancar das mãos dos capitalistas paulistanos.

Achamos, por muitos motivos, digno de apoio o projeto da «Liga dos Pedreiros», não porque sejamos amantes de festejos, tão inuteis quanto ridiculos, mas porque vemos neste cazo a grande significação que terá esta manifestação operária, que vem substituir em S. Paulo a inconcludente *pándega* do dia 1.° de maio, que ha uns tempos para cá passou a ser *oficialmente* reconhecido como um qualquer dia santo da igreja católica.

«O 1.° de maio», a chamada *festa do trabalho*, perdeu já *todo* o caracter que lhe quizeram dar os seus primeiros iniciadores e pensamos que os operários não lhe devem dar nenhuma importancia. Todos os governos e todas as burguezias do mundo assistem das janelas dos seus soberbos palácios ao desfilar pacifico e inofensivo de centenas de estandartes e de milhares de operários que nesse dia aclamam intuziasmados a *festa do trabalho*, cantando hinos e acabando por irem embriagar-se num *pic-nic* qualquer, para voltar no dia immediato à vida assassina da fábrica ou da mina e ali esperar—sofrendo todo o cúmulo de injustiças que a sociedade àtual lhes prepara—que num outro ano se torne a apresentar a ocazião de dar novos vivas ao trabalho, áquêle mesmo trabalho que hoje os embrutece e os mata.

E que a festarola não passa de uma ridícula farça o demonstram quotidianamente os factos.

Por ezemplo:

O governo de S. Paulo tenciona inaugurar oficialmente a espozição local no dia 1.° de maio, para comemorar a *festa do trabalho*. Que quadro esplêndido! Os tais homens enluvados, encartolados, enfracados ezaltando, entre o espumar do champagne e as fanfarras militares, o trabalho que êles não conhecem, que êles deprezam porque faz as mãos asperas e calozas.

E nós deveriamos nesse dia dar o nosso apoio e concorrer dirètamente à realização de tamanha palhaçada?

Não, não, mil vezes não!

Não devemos festejar o trabalho, que é hoje para nós uma escravidão. Deixemos esta tarefa aos que podem fazer isso, aos que do trabalho—dos outros—tiram os lucros com os quais se atolam numa orjia de luxo e de prazeres; e, por uma reàção, por um protesto, festejemos uma data que significa uma vitória do braço humano contra os cofres do capital, que significa a lembrança d'um epizodio da guerra épica, eterna que fazem uma a outra as duas classes sociais: vagabundos e trabalhadores, ricos e pobres, parazitas e produtores.

Martires!

A noticia, fria, lacónica, triste, apareceu por um dia nos jornais de S. Paulo:

"Domingos Ferrari, servente de pedreiro, foi atingido por uma prancha de madeira que lhe cahiu sobre a cabeça, quando trabalhava nas obras do pavilhão da espozição preparatoria de S. Paulo.

Transportado para a Santa Caza morreu poucas horas depois".

O exercito dos mizeraveis da labutação pela vida aumenta dia a dia e sempre a fria, lacónica noticia aviza os que ficam de que da luta pela codea de pão diaria foram eliminados um, cem, mil concorrentes, sepultados na mina pela esplozão do grizú, esmagados na oficina por uma maquina, mortos em qualquer parte por qualquer incidente, quando cooperavam na produção das riquezas sociais.

Depois, mais nada!

A multidão da rezerva apressa-se para tomar o lugar dos que cairam e sobre as tabuas do andaime, ainda sujas de sangue, nas galerias ainda atulhadas de cadaveres, novos proletarios labutam, suam, intizicam, esperando resignados o fim da sua vida de cãis.

....

Amanhã, quando o trabalho estiver acabado, quando o soberbo edificio emerjir majestoso da ramajem do arvoredo, na avenida Tiradentes, uma turba de comilões embriagados de muzica e champagne recolherá as honras que lhes tributarão mil turiferarios.

E os outros, os que a esta honra teriam todo o direito, serão ali confundidos com a multidão imbecil que olha e aplaude, delida pelos cordões de soldados — se até lá como aconteceu a Domingos Ferrari, *não tiverem feito pelo* monstro do trabalho *o ultimo dos sacrificios.*

......*Quantas infâmias, quantas injustiças e quanta cobardia!!*

SERJIO.

Operarios! Ninguem deve ir trabalhar na fabrica de J. DOS SANTOS MALTA.

CENTRO OPERÁRIO INSTRUTIVO

Aos Trabalhadores

O dezenvolvimento que atinjiu a biblioteca da União dos Trabalhadores Gráficos e a simpatia que conseguiu granjear entre os trabalhadores que frequentavam as sédes reúnidas, das associações operárias desta capital, persuadiram-nos da utilidade das bibliotecas sociais.

Entretanto, o carater de combatividade das ligas ou sindicatos operários, a sua vida constantemente ajitada, não são favoraveis ao dezenvolvimento de bôas e profiquas bibliotecas.

Por esta razão e correspondendo ás necessidades do crecente número de trabalhadores atraídos a esta capital pelo grande dezenvolvimento das industrias e inúmeras obras edilicias, o Sindicatos dos Trabalhadores Gráficos deliberou promover, entre os trabalhodores de qualquer arte ou oficio, a constituição de um centro onde, reúnindo o util ao agradavel, encontrem bôa distràção para o espirito — fatigado algumas vezes por um trabalho embrutecedor — e um meio instrutivo, pela comunicação recíproca de conhecimentos, pela leitura e pelas aulas de diversas materias, que serão instituidas á proporção que fôr possivel.

Neste intuito, o Sindicato nomeou uma comissão com o encargo de organizar a necessaria associação, e tendo ela terminado de compilar o projeto do estatuto, cujo primeiro capitulo — salvas as alterações que podem ser feitas pela sua discussão — reproduzimos, para melhor esclarecimento das pessoas que se interessarem pela iniciativa

Art. 1.° — O *Centro Operário Instrutivo* compõe-se de numero ilimitado de sócios de ambos os secsos, de qualquer nacionalidade e de edade superior a 14 anos.

Art. 2.° — O Centro tem por fim estimular o operariado a instruir-se e dezenvolver nele um forte espirito de fraterninade, aussilial-o em sua elevação moral e económica, e proporcionar aos seus associados um centro de palestra e estudo.

Art. 3.° — Para a realização de seus fins, o Centro, á proporção que lhe for possivel:

a) organizará uma biblioteca, constituida por livros, folhetos, revistas, mapas e jornais de qualquer carater ou lingua, que forem doados pelos sócios e amigos ou comprados por deliberação da assembleia;

b) instalará salas para leitura, palestras, conferencias e reuniões em que seiam interessados os operários;

c) promoverá a réalização de conferéncias literarias e scientificas, especialmente para os trabalhadores;

d) organizará aulas de letras, dezenho e conhecimentos vários, para os associados:

e) instituirá um escritório de informações de procura e oferta de trabalhadores;

f) promoverá a organização de estatisticas de interesse operário.

Art. 4.° — O Centro não se envolverá de forma alguma em atos politicos ou relijiozos.

Conta-se com o concurso de todos os trabalhadores, de qualquer arte ou oficio, que se interessam pela instrução e elevação moral da classe a que pertencem.

S. Paulo, 1.° de Março de 1908.

A COMISSÃO.

CEGUEIRA

« Quem adiante não olha, atráz fica» diz o ditado popular. Este proverbio póde ser aplicado ao operário que se limita a olhar para o prezente, não cojitando, nem por sombras, de deitar um olhar para o futuro! A classe proletária é a mais forte no numero e a mais fraca na rezisténcia! Que faz o operário? Pouco para si e tudo para seus donos! Para seus donos, sim! Pois o patrão não considera o trabalhador como um objeto, como um traste? Alguns operários, que têm olhos mas não inxergam, dizem: « Meu patrão é uma joia! » Uma joia sim, mas de último quilate, daquélas que não rezistem á mais simples análize, que logo lhes descobre a falsidade!

Não ha patrão bom — eis o que é a verdade nùa e crùa; porque o patrão trabalha (é um modo de dizer) pouco e ganha muito, e o seu empregado morre de trabalhar e pouco ou quazi nada ganha! E se, quer parar apenas um momento, para acender um cigrrro ou limpar o suor que lhe cai do rosto, o patrão, ou antes, o *feitor*, deita-lhe uns olhares ferozes que significam: « trabalha besta! não me roubes! »

Mas atacando o assunto principal deste fraco artigo, pergunto: até quando pretendes, ó operário, servir de escada para o vossos patrões galgarem as mais altas pozições? Até quando andarás com os olhos fechados, não inxergando as iniquidades que diariamente vos fazem? Pensa! pensa e obra! Mete mão á obra e serás homem! Trata de trabalhar menos e ganhar mais! Sê unido aos teus valente, para conquistares os teus direitos e procura cumprir sempre isto: — *Ganhar dinheiro sem aturar dezaforos*!

Amparo, 27—2—908.

J. FIRMINO.

Estatistica consoladora

A imprensa burgueza da França está bastante alarmada por causa da publicação desta estitistica, por um jornal oficial de lá.

Refrátários ao serviço militar:

No ano de 1898	4685
» » » 1905	6597
» » » 1906	10084

Dezertores:

Em 1898	1.900
» 1903	2.196
» 1904	2.339
» 1905	2.676
» 1906	3.170

Dizem os órgãos do governo que uma reforma radical, adótada ha alguns dias, contribuirá para levantar novamente o nivel moral dos reclutas e provocar nêles *o mais patriotico apoio á massima instituição nacional*.

Um deputado propoz á cámara o aumento de 1 copo de vinho por dia, incluzivé á sesta feira, aos soldados. A cámara aprovou a proposta e agora espera com confiança as futuras estatisticas.

Nos tambem as esperamos e com mais confiança que éla.

AZÁFAMA CLERICAL

Campinas anda numa completa pavoroza numa barafunda insuportavel, numa ancia de todas as delicias celestes imajinaveis.

A colónia portugueza, reprezentada nos comendadores, fez realizar «solenes ezéquias» em memoria do falecido rei Carlos.

A consternação subiu ao seu auje, com tão inesperado acontecimento e os lambões que seriam incapazes de repatriar um pobre patricio que caisse doente e na mizeria, não tiveram pêjo de gastar alguns contos de réis em banalidades que nada poderiam aproveitar ao *desditozo* monarca.

Acudiu gente do interior que dezejava ver o cadaver, pois estavam persuadidos de que o tinham transportado para cá.

Veio um orador sagrado do interior, e que bem caro devia ter ficado, para fazer o elojio fúnebre da caza de Bragança e dos Orléans...

Pelo que consta, o homem não conhece historia portugueza...

Insurjiu-se contra os atentados mas no seu intimo estava contentissimo e dezejôzo de que semanalmente morresse um graúdo para lhe fazér o elojio e arrecadar os cobres bastos. Nem todo o ano é S. Miguel...

O clericalismo, então anda dezinfreado. E' o patrimonio do bispado que já sobe a dezenas de contos de réis, são conferéncias na matriz de S. Cruz, artigos, num jornal local, do padre Pedro, sobre o «anarquismo e o atentado dos reis de Portugal», onde o homem ataca tudo que não esteja de acôrdo com o seu grémio, com a unidade da doutrina católica e com todas aquélas patranhas e

imposturices que estão acostumados a impinjir a torto e a direito aos pobres lôrpas que não possuem lójica bastante para compreender o engôdo de que são vitimas.

Nas tais conferéncias, diz a imprensa local, tem-se reunido tudo o que ha de mais seleto no mundanismo, para ouvir a voz eloquente dum doutor em teolojia...

Estas conferencias foram iniciadas por intermedio de algumas damas jezuiticas, que, tendo talvez muitas faltas para com Deus, procuram por este meio um barco de salvação.

Na igreja tem-se separado as mulheres pretas, das mulheres brancas e isto cauzou certos reparos...

A tão falada igualdade christã, manifesta-se por esta forma, evitando simples contactos. A aristocracia branca deceria, seria arreada do seu pedestal se sofresse o contacto da gente de côr. E a tão apregoada húmildade? A humildade para os outros, para os desgraçados. Mas quem não quer, não vai lá. Ou se obedece ou se dezerta da igreja.

Como disse o padre Pedro: Ou cristianismo ou anarquismo.

A tal série de conferéncias rematará com uma *pelingrinação* a S. Paulo. Eles querem assoalhar o pano dos estandartes.

Uma das maiores preocupações do conferente ou prègador é fazer crêr que a ciéncia não está em antagonismo com a igreja, nem a igreja é inimiga da ciéncia.

O que é mais engraçado é estes fulanos irem, discutir assuntos, pseudo cientificos dentro duma igreja, onde só vão os crentes ou onde ninguem pode abrir bico, por ser um lugar rezervado para a relijião. Afinal, êles vão mas é catequizando as mulheres e as crianças, sêres mais facilmente impressionaveis, porque os homens feitos são de si materialistas, ainda que dum materialismo grosseiro...

Diz que se costuma chamar os padres de ignorantes mas que a culpa é dos cientistas com quem êles aprendem. E' boa! Mas nos seminários não se aprende ciencia. Aí ensina-se teolojia. Aí ensina-se a interpretar os têstos biblicos, duma maneira contrária à razão, onde as criaturas ficam castradas de corpo e de espirito, sendo poucos os que conseguem libertar-se e voar para a vida, para a liberdade.

A ciencia aprende-se nos laboratórios; nos seminários aprende-se a pederastia, o onanismo, o odio e enfim à humanidade. Ha pois imcompatibilidade entre a ciencia e a teolojia: Os termos repelem-se, odeiam-se, distanciam-se.

Campinas.

UM OPERÁRIO CATÓLICO.

Oh a politica!!!

Dum telegramma do "Fanfulla."

Na reunião geral de todos os sindicatos operarios de Mantova apos longa e vivas discussão foi deliberado declarar dissolvida a Camara do Trabalho daquela cidade.

Esta deliberação foi provocada pelas lutas politicas que laceravam aquela instituição operaria."

E' isso mesmo!

Até que os operarios não se decidirem a por fora da porta dos seus sindicatos, a pontapés, os politiqueiros, de qualquer cor êles sejam, deveremos assistir forçozamente a factos semelhantes.

Oxala que o ensinamento valha para trazer sobre o verdadeiro caminho do *sindicalismo* as sociedades operarias da Italia!

TEATRO SOCIAL

Realizou-se na quarta-feira passada a reùnião dos aderentes á iniciativa de um «Grupo filodramatico social».

Ficou deliberado aceitar como sócios todos os que têm dispozição para este meio de propaganda; basta que sejam sócios de Ligas de Rezistencia ou que sejam operários de dignidade e conciencia.

Deliberou-se que para as despezas do grupo: papel, tinta, penas, etc., cada sócio contribuirá com a quantia de 500 reis mensais.

Uma nova reùnião do grupo será feita na próssima *quarta-feira, 11 deste mes.*

Já aderiram ao grupo 10 companheiros.

O MOVIMENTO EM S. PAULO

Os chapeleiros

As nossas previsões têm sido fatalmente confirmadas, *os consta* ficaram sendo tristes verdades. Os crumiros chapeleiros têm feito a ultima velhacadez: *O sindicato amarello* é hoje uma realdade e, ha dias, a leitura do manifesto publicado por estes pobres-diabos—burros e cobardes, incocientes e malvados—tem-nos provocado un nojo inesplicavel.

Mas é possivel, pensavámos, que està gente possa ter levado concientemente a sua dignidade de homens até o ultimo degrao? E' possivel que haja no meio operário de S. Paulo individuos tão infames, cegos ao ponto de coligar-se duma maneira tão descaradamente vergonhoza aos seus esploradores?

E o que parece!...

Dizem os nossos amigos da «União dos Chapeleiros» que os tais crumiros nunca pertenceram á classe e que foram *todos* escolhidos entre o que tinha de mais sujo na vagabundajem de S. Paulo.

Está bom, mas por isto não deixam de ser homens e se se pode até certo ponto desculpar o homem que, pela necessidade se assujeita a ser crumiro, nunca se pode, por motivo algum, desculpar a àção que êles cometeram: Ficar sendo capangas voluntarios e dizinteressados dos capitalistas pondo-se abertamente contra outros operários que como êles são sujeitos a mesma esploração a mesma vida de mizeria.

Isto é um cumulo e contra gente de tal laia não pode nem deve aver atenuantes. Qualquer coiza aconteça não poderão êles inculpar ninguem da sua desgraça. Não lhes resta outra coiza á fazer que recitar o tal *Confiteor*.

***

Aos operarios chapeleiros e ao povo em geral

Está sendo distribuido um boletim no qual se anuncia a fundação duma «*Sociedade Ausxiliadora dos Patrões Chapeleiros*».

Para que não sejam iludidos na sua bôa fé os operários chapeleiros, declaramos:

Que os iniciadores são uma meia duzia de crumiros, grandes canalhas que se têm arrastado na lama, sujando a sua dignidade, a sua conciencia de homens, ficando mansos carneiros nas mãos dos seus amos; uns canalhas que já foram apontados ao desprezo de todos, por meio dos nossos boletins.

Que essa sociedade tem por fim ajudar os patrões — sendo por êles dirijida e administrada — contra a àção dos operários concientes.

Que fazer parte desta sociedade seria abdicar da sua individualidade, aceitando a condição de puxa-sacos dos patrões, seus esploradores.

Dizemos isto para bem da verdade e acrecentamos que protestaremos agora e sempre contra estes vagabundos e vendedores de bananas, que além de terem sido nossos traidores, ladrões do nosso pão, querem ainda por cima ofender a nossa classe pela àção mais vengonhoza que se pode praticar.

Saibam os que fizerem parte de tal sociedade de carneiros, que com este áto ficam sendo nossos inimigos e inimigos de toda a classe proletária daqui e de todo o mundo.

Fiquem êles sendo acólites dos patrões: nós aqui estamos, contra êles e seus amos.

A UNIÃO DOS CHAPELEIROS

Os Tijoleiros

VITORIA COMPLETA

A greve dos operários fabricantes de tijolos está completamente acabada.

A nova tabela de preços foe completamente aceitada e os tijoleiros voltaram trabalhar, satisfeitos em todos os seus pedidos.

E' esta mais uma prova do que vale a àção operária quando é concientemente dirijida contra os nossos esploradores.

No domingo passado fizeram os tijoleiros uma reunião na sua sede — Ponte grande da Conceição dos Garulhos — e nesta ocasião realizou o companheiro Sorelli uma breve palestra ezortando os operários a continuar firmes e decididos na sua Liga para que esta melhoria não seja novamente abolida e para conseguir outros melhoramentos economicos, hijenicos e morais.

— O senhor Pietro Angelo se obstina em não querer aceitar os seus àntigos operários e mandou um seu encarregado á nossa redação para contarnos as razões que o levam a proceder de tal forma. Diz êle que é sua intenção diminuir a produção da sua olaria e que, portanto, não pode aceitar todos os operários antigos.

Como isto nos pareça uma desculpa qualquer — e os tijoleiros são do mesmo parecer — para vingar-se dos seus operários, dissemos francamente a este senhor que, cazo êle precize despachar alguns tijoleiros, estes devem ser, segundo o nosso parecer, os mais novos da olaria, e que êle não pode, de forma alguma, despachar os mais antigos da fabrica so porque foram os mais ativos na luta.

Se assim proceder, os tijoleiros tem todo o direito de continuar na sua àção contra êle até mesmo *boicottar-lhe* a olaria.

Aos canteiros em geral

No movimento de maio de 1907 tambem nós, operários canteiros, nos declarámos em greve,—apoz a fundação do nosso sindicato de rezistencia — pedindo aos patrões o horario de 8 horas e o pagamento quinzenal.

E'les respnderam que não podiam aceitar a nossa proposta, pois esta vinha trazer-lhes muito prejuizo; mas em vista da nossa união e da nossa vontade em lutar até á vitória completa, tiveram que chegar á nossa séde, e assinar o compromisso por nós aprezentado.

Até hoje, todos os proprietários respeitaram e continuam a respeitar — que remédio têm êles! — o compromisso: só o senhor Avelino Alonso Gonçalves, com oficina á Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, n. 124, conseguiu, com o apoio de alguns crumiros imbecis e malvados, tirar o pagamento quinzenal e impôr aos seus operários a condição de não fazerem parte da nossa União.

Julgou êle que por este meio nos esmagava, que abalava a nossa solidariedade; mas não o conseguiu.

Por meio de una propaganda convincente foi-nos possivel fazer compreender aos Canteiros que continuando a trabalhar naquela oficina sem impôr a aceitação das nossas condições, faziam um grande mal a si proprios, a nós, a todos. Agôra todos estão unidos a nós e a União continua na sua marcha, demonstrando que os Canteiros jà não são carneiros como antigamente, mas que entre nós está germinando a evolução que levará os operários á compreensão dos seus direitos. Só trabalham agôra naquella oficina quatro pobres diabos inconcientes, aos quais faltam simplesmente os arreios para poderem ser empregues no serviço de puxar carroças.

A nossa «União dos Canteiros» em 10 mezes de vida já tem dado um passo á frente, no caminho da emancipação humana: já os patrões e seus puxa-sacos respeitam mais os operários e a vida nas oficinas vai-se tornando cada vez melhor.

A «União», no intuito de fortalecer sempre mais a classe, faz apêlo a todos os operários das pedreiras de S. Paulo e do Interior para virem juntar-se aos seus colegas: assim unidos companheiros, poderemos, com a força que nos vem pela compreensão dos direitos comuns, dar mais um grito de protesto contra os capitalistas, contra os que só pensam em tirar lucros dos nossos braços, prejudicando-nos e ás nossas familias.

As 8 horas que ganhámos e defendemos até hoje com enerja e corajem não constituem o ponto final das nossas conquistas: muito temos ainda que lutar, pois muito temos ainda a conseguir.

Não nos deixemos enganar com as vãs promessas dos patrões, não devemos ter medo de ameaças, não devemos acreditar nas suas choradeiras.

Não devemos acreditar que êles perdem, como dizem, dinheiro nas grandes obras, porque nós, operários, podemos demonstrar a quem quer que seja o custo de um m. q. de pedra lavrada. A nossa União fez por sua conta um serviço de quatro contos e sobraram para a Caixa 700$000: e isto porque foram feitas grandes despezas estraordinárias.

Bem se vê que, mesmo trabalhando 8 horas, êles não deixam de ganhar sobre o nosso trabalho os seus gordos jornais. A esta hora, devem os patrões estar convencidos de que não é o operário que precisa dêles, mas são êles que precisão de nós.

A «União dos Canteiros» espero que em epoca não muito lonjinqua, chegue ao ponto de reúnir todos os Canteiros a trabalhar numa oficina própria para acabar de dar de comer a tais parazitas.

Unamo-nos companheiros, pois da nossa União muitos rezultados podem vir-nos.

Vivam as 8 horas!

Viva a solidariedade operária!

A UNIÃO DOS TRABALHADORES EM PEDRA GNANITO.

Aos pedreiros

A nossa classe está gozando, desde maio do ano passado, do horario de 8 horas, e pela nossa àção quotidiana, pela enerjia que os nossos companheiros demonstraram afim de impedir que este horário fosse alterado pela cubiça de patrões gananciozos, conseguimos o respeito, por parte dos empreiteiros, á nossa conquista.

Entretanto, ha ainda alguns que, fortes com o apoio dos eternos inimigos da classe, os crumiros, continuam a impôr nas suas obras o horario de nove horas.

Verdade seja que, conforme o antigo ditado, cada qual tem o tratamento que merece, e os operários que se sujeitam a trabalhar para estes empreiteiros não nos fazem pena. Pelo contrario: não estranhariamos que algum dia o seu amo em paga—do seu *fiel* comportamento, lhes desse uma bôa sova.

E' nossa intenção, porém, pôr em guarda os operários injénuos para estes não cairem na armadilha que tais tipos lhes preparam.

Saibam os pedreiros e anecsos de S. Paulo e do interior que os senhores *João Gras, Paolo Castellani* e *Mastrangelo*—Avenida Angelica N. 25—fazem trabalhar os seus operarios *nove horas por dia*; saibam que ir trabalhar nas suas obras significa renunciar a um direito cuja conquista nos custou e custa ainda bastantes sacrificios.

Saibam que trabalhando mais de oito horas, prejudicam-se e a toda a classe.

Saibam que é precizo demonstrar a estes vampiros e parazitas que a classe dos operários pedreiros não permitte que êles zombem de tal modo da sua dignidade e da sua conciencia.

A todos os trabalhadores da nossa classe cumpre o dever de responder a esta gente como ela realmente merece.

A LIGA DOS PEDREIROS.

***

Consta de Lorena onde se estão ezecutando construcções militares — que um encarregado acha-se átualmente em S. Paulo para arranjar um grande numero de operários que deverião ser ocupados naqueles trabalhos.

Pomos em guarda os operários pedreiros afim de que não se deixem iludir com promessas iluzorias. Indo a Lorena acherião ali a mais triste das deziluzões.

Deverião passar pelas *forcas Caudinas* de uma vergonhoza esploração.

E' precizo notar que os pagamentos são alì feitos *cada 3 mezes* e assim mesmo sem regularidade e êles deverião recorrer á esploração dos conhecidos *vendeiros*.

Alerta, portanto, operarios!

Errata

No n.º passado, o artigo mais victima de erros foi o intitulado: *Trade-Unionismo Norte-Americano*, na 2.ª pájina. Entre outros: na 1.ª coluna, *patrio*, em vez de *patrão;* na 2.º, *egoismo comparativo*, em vez de *egoismo corporativo*. No parágrafo seguinte, a última fraze deve ser dirijida assim:...... a classe operária não tem interesses comuns com a classe capitalista, e deve apoderar-se dos instrumentos e frutos do trabalho, organizando-se económicamente, *sem se afiliar em nenhum partido politico.*

Porque não compras a farinha de Matarazzo?

Porque êle não teve péna dos nossos irmãos e nós não devemos gastar os seus produtos.

Aos trabalhadores em madeira

E' com a convicção de sermos uteis aos companheiros e a todos os operários de S. Paulo que hoje publicamos o prezente manifesto a vós dirijido.

Não é, por certo, o interesse nem a conveniencia o que nos estimula a chamar-vos, ainda uma vez para o nosso lado, afim de que, juntos, combatamos na peleja quotidiana pela nossa emancipação económica, pelo resgate completo do trabalho, este trabalho que hoje nos embrutece porque é esplorado na sua totalidade pelos que nada fazem, pelos parazitas da industria e do capital.

«O trabalho enobrece o homem», disseram e dizem os ricos, os governantes, todos os grandes canalhas, juntamente com os seus compadres: os padres. Mas êles nunca pegaram numa colher para colocar uma pedra nos alicerces dos grandes palácios em que passam a vida; nunca ajudaram o lenhador a cortar uma arvore no mato e nunca vieram trabalhar no banco, ao nosso lado, para construir as luxuosas mobilias de estilo que guardam em suas ricas salas; nunca pegaram na espola dum téar para tecer os estofos de que andam vestidos e que os resguardam do frio.

E além de todo este parazitismo, êles, que nada têm feito, são os nobres, os obzequiados, os grandes, e nós, que sempre trabalhámos como bestas de carga, somos os canalhas — pobres e desprezados.

E vêm-nos dizer que o trabalho enobrece o homem; que a riqueza é fruto do trabalho! Que grandes sem-vergonhas!!

Companheiros:

Não é só fazar estas tristes considerações: é precizo lutar, lutar, lutar para alcançar o nosso bem-estar; porque se nos puzermos a espera do dia em que êles nos dêem o que por lei natural nos devia pertencer, esse dia nunca o chegaremos a ver.

Não ha vida onde não ha luta!

O homem que não luta para tirar das mãos dos ladrões o que estes lhe roubaram não é homem, não tem sangue nas veias.

Todos vós sabeis, companheiros, que a classe dos trabalhadores em madeira está hoje na vanguarda do proletariado paulistano.

Já por duas vezes tivemos que lutar para conservar as 8 horas.

Ha quazi um ano que ganhámos as 8 horas, Sabeis quanto neste ano trabalhámos menos do que nos outros anos em que ganhavamos o mesmo, trabalhando 10 horas por dia? A beleza de 12 horas por semana ou 50 por mez e 600 por ano!

Agora considerando que entre os trabalhadores em madeira há muitos operários de serrarias que neste ano fizeram sempre o estraordinario, a êles particularmente nos dirijimos, afim de convence-los a não trabalhar mais que 8 horas por dia, pois continuando neste sistema do estraordinario, com muita facilidade serão obrigados mais tarde a trabalhar as mesmas horas sem perceber a estraordinaria remuneração.

E para nos intendermos melhor, *convidamos todos os trabalhadores em madeira: marceneiros carpinteiros, lustradores, entalhadores, torneiros e trabalhadores em maquinas de serrarias, para uma grande e importante reunião da classe, a qual se efètuará na sesta-feira, 13 de março, ás 7 e meia horas da tarde, no Largo do Riachuelo, N. 7 A, sobrado.*

Esperamos que não faltem a esta reunião os que tomam a peito a sua digninade de homens e o seu bem-estar.

Portanto, cá vos esperamos!

VIVA O MEZ DE MAIO de 1907!!

VIVA A SOLIDARIEDADE OPERÁRIA!

A Liga dos Trabalhadores em Madeira.

Reunião das Comissões dos Sindicatos

As comissões dos Sindicatos de S. Paulo fizeram uma reunião geral na quinta-feira passada.

Foe aprovado o balancete do jornal até o n. 5.

Foe discutida a proposta, aprezentada por diversos sindicatos de S. Paulo, de por no jornal uma secção em italiano.

A discussão esteve sobre este assunto bastante animada terminando a assembleia para aprovar esta proposta de Alfeo Ambrogi—Graficos.

Considerando:

que as condições do operariado de S. Paulo na sua grande maioria estranjeiro ezijem—si se quer fazer propaganda e garantir a vida do jornal —que uma parte do jornal seja escrita em lingua estranjeira; que porem é precizo conservar ao jornal o atual carater de idioma *nacional* isso por motivos bem compreensiveis.

A assembleia delibera:

que a redação do jornal continue a escrever *escluzivamente* no idioma do paiz e neste idioma *escluzivamente* sejam feitas todas as comunicações que se referem ao movimento operàrio; deixando porem aos colaboradores a liberdade de publicar os artigos no seu idioma. Os artigos em idiomas estranjeiros não deverão porem ocupar mais de 3 ou 4 colunas de cada numero.

Em vista de não termos ainda recebido nenhuma quantia de dinheiro dos companheiros do Interior do Estado, delibera-se convidar os mesmos camaradas a tomar tambem a peito a vida do jornal.

Os pedreiros comunicam a sua iniciativa de construir em S. Paulo um edificio social e dizem que a sua Liga já mandou fazer as àções para angariar a importancia necessaria para a construção do mesmo. As àções custam 5$000 reis e são pessoais.

Delibera-se convidar os conselhos das Ligas federadas a levar esta iniciativa á discussão da assembleia da sua Liga para ver de conseguir a cooperação de todos os operários organizados.

A respeito do Congresso delibera-se de dar tempo até o dia 15 de Março ás Ligas que ainda não responderam ao nosso *referendun*, para mandar a sua resposta.

Liga dos Pedreiros. — A reúnião realizada no sábado passado foi composta de avultado número de operários. Foram nomeadas umas commissões para vijiar e fazer respeitar as 8 horas.

Foe deliberado anistíar todos os socios atrazados com o pagamento mensal até todo o mez de Dezembro de 1907.

Foe tambem deliberado festejar o aniversario da conquista das 8 horas no dia 14 de Maio e para este fim foi já nomeada uma comissão para organizar o programa.

Nos prezidios industriais

Operários vitimados

No «Barracão» de Agua Branca, da firma Trajano de Medeiros e & C. do Rio, trabalhavam perto de 150 operários metalurjicos. Consta que as irregularidades cometidas pelos mandões, chefiados pelo gerente da fábrica, fizeram com que a comissão central de Mayrink enviasse ali um seu encarregado para verificar *de visu* o andamento das oficinas.

Esta intervenção cheirou mal aos tais homens *cabeçudos* e recuzaram-se a dar entrada nas oficinas ao encarregado vindo de Mayrink.

Isto naturalmente provocou um escandalo e a commissão impoz ao gerente da fábrica o fechamento do estabelecimento no dia 12 de março corrente.

Estavam as coizas neste pé quando no sábado da semana passada, por ordem do gerente do «Barracão» foram despachados todos os operários e fechada a oficina.

Consta que o tal gerente anda dizendo que os operários abandonaram o trabalho por solidariedade com êle e para protestar contra a intervenção da comissão de Mayrink.

Anuncia-se tambem a vinda duma turma de operários de Mayrink para continuar os trabalhos àtualmente suspenzos.

No cazo de que este escandalozo conto do vigário seja verdadeiro não sabemos onde encontrar os odjètivas mais infamantes para lançar á face desta cambada de canalhas.

Como! grandissississimos velhacos! Não basta que os operàrios vos tenham dado toda a sua enerjia, todo o esforço dos seus braços — quereis ainda servir-vos dêles como joguete, quereis que êles arquem das vossas bandalheiras?

Mais isto é uma coiza espantoza! Isto passa todos os limites dos abuzos!

E os operários?

Calam-se, aturam tudo, ficam inertes e protestam... com palavras.

Injénuos! Para que servem os protestos? A áção é o que é precizo, amigos, e a áção conciente, solidaria, enerjica das sociedades de classe. O resto é proza!..

Do Rio de Janeiro

APÊLO

aos Empregados de hoteis, restaurantes, cafés, cazas de bebidas, confeitarias e leitarias, e aos empregados e empregadas de cazas particulares, do Rio de Janeiro.

Em todas as partes do mundo onde a conciencia operária vai despertando, crece, dia a dia, o número de associações de rezisténcia, assim como o de seus associados, e quanto mais numerozas são as classes que se agrupam, mais rápido é o progresso e mais certa a vítoria.

Entretanto, aqui no Rio, a classe mais numeroza, a mais esplorada, a que mais preciza da rezistencia, permanece na letarjia; o seu eco não se repercute. Só dá sinal de ezistencia pelos clamores constantes dos que o escesso de trabalho impossibilitou e lançou ás intempéries, sem teto nem pão, ao amparo do negro e vergonhozo manto da caridade publica—à mendicidade, e reduziu á condição de cãis sem dono, cuja, ezistencia depende dos restos que lhes atiram com desprezo ou como recompensa aos incapázes, aos que não souberam reivindicar os seus direitos, aos que não conhecem que já têm produzido o suficiente para si, aos que se esquecem de que são homens e portanto, têm direito a viver. E' tempo de acordarmos do sono da ignorância, para dar tréguas á nossa critica situação! A vida material é cada vez mais cára; somos obrigados a morar apinhados em quartos insalubres de cazas vélhas que reúnem, cada vez mais, piores condições hijiénicas, e pagando duplo aluguel.

Tudo sofre aumento — menos os nossos ordenádos, que diminuem, ao passo que aumenta o trabalho e isto porque não nos unimos para impôr o contrário, e esperamos tudo da bondade dos patrões, que afinal só cuidam de esplorar-nos cada vez mais.

Daí a concorréncia. Porque os empregados que ganham menos, fazem esforços por ocupar o lugar dos outros para satisfazer algumas necessidades,—ao que os patrões logo cedem de bom grado, no intuito de diminuir os ordenados e ter empregados que se submetam aos seus caprichos. Depois instituem sociedades beneficentes, (que nós sustentamos,) e delas obtêm, não só a recompensa material como tambem a recompensa moral, porque matam em nós o espirito de rebilião, de rezistencia, e opõem obstáculos á nossa moralização — meio de se equilibrarem entre os seus mássimos proveitos e os nossos males, a nossa mizéria. E' tempo, companheiros, de deixarmos de ser manequins da burguezia e marcharmos por um caminho oposto ao que éla nos ensina, se queremos melhorar a nossa situação. Está em nós todos, companheiros, o progresso.

Associai-vos no Sindicato dos Empregados Domésticos, recentemente fundado, (lêde as Bazes do Sindicato, o qual dentro de pouco dará provas da sua eficácia, pela diminuição de horas de trabalho e aumento de ordenado, o que facilita emprego aos desocupados, diminuição das molestias, e meios de instrução, que se adquirirá frequentando a séde social onde ha sempre leitura adequada, e companheiros com quem discutir é trocar ideias: é um meio instrutivo e recreativo que contribue para o nosso engrandecimento.

Todos os companheiros que dezejem ser sócios, encontrarão um membro da comissão todas as noites, das 7 ás 11 horas, na séde social, á rua do Hospicio, N. 156.

Segunda feira, 9 de março, realizar-se-á a segunda assembleia geral ordinaria.

E aproveitando a oportunidade, convida-se a classe em geral a comparecer ao grande comicio que se realizará no dia 18 de março; das 9 horas da noite em diante, para tratar de interesses da nossa classe.

Vosso companheiro

RICARDO ESTEVEZ.

A comissão ezecutiva ficou assim composta:

1.º Tesoureiro, *Ricardo Estevez*
2.º Tesoureiro, *Ambrosio Carvalho*
1.º Secretário, *Adelino J. Araújo*
2.º Secretário, *José da Silva Correa*
Bibliotecário, *João Gonçalves*
Membros da Comissão *Antonio Cerdeira e Guilherme Saraiva.*

O Sindicato aderiu á Federação Operária.

Bazes de acôrdo do Sindicato dos Empregados Domesticos.

I. FINS

1.º O Sindicato dos Empregados Domesticos, organizado sobre as prezentes bazes, tem por fim:

Promover a união da classe para a defeza de seus interesses morais e materias, económicos e profissionais e para a sua completa emancipação.

(§ unico) O Sindacato realizará o seu objétivo pela união conciente e solidária da classe;

pela rezisténcia ao monopólio e á esploração do capital;

pelo aumento progressivo dos salários e pela dininuição das horas de trabalho;

pela regulamentação do trabalho e melhoramentos de condições hijiénicas onde este fôr ezecutado;

pela criação dum jornal da classe, para propaganda e defeza dos seus direitos;

pela fundação duma biblioteca social e escolas nòturnas e diurnas;

pela aquizição de jornais e revistas sociais; pelos meios praticos que as circunstáncias aconselharem, como sejam: conferencias; palestras, e distribuição de manifestos, quando as condições do sindicato o permitirem, e na medida de suas forças.

II. CONSTITUIÇÃO

2.º Só poderão fazer parte do Sindicato, os empregados e empregadas de hoteis, restaurantes, cafés, confeitarias, cazas de bebidas e cazas particulares, e que estejam ezercendo esse mister e não sejam gerentes nem interessados —neste cazo só poderão ter ingresso sendo reconhecidos pela comissão ezecutiva como partidários do bem estar da classe; — reservando-se a mesma comissão, o direito de esclui-los do Sindicato, cazo êles pretendam opôr obstáculos a bôa marcha do mesmo.

3.º O Sindicato não pertence a nenhuma doutrina relijioza ou partido politico; não podendo tomar parte colètivamente nem em eleições nem em manifestações partidárias ou relijiozas, nem podendo un sócio qualquer utilizar-se do titulo do Sindicato, num ato politico ou relijiozo.

4.º Cada sócio contribuirá para as despezas do Sindicato com a quantia de 1$000 reis por mez; em cazo de molestias ou de dezocupação justificada, por mais de trinta dias, a quota será facultativa.

5.º O Sindicato será filiado á Federação Operária do Rio de Janeiro e á Confederacão Operária Brazileira, em quanto as bázes destas estiverem de acôrdo com os fins do Sindicato e mantenham a orientação de que trata a parte 3.ª destas bazes.

6.º O Sindicato não terá outra caixa a não ser a destinada á rezisténcia.

III. ADMINISTRAÇÃO

7.º Os trabalhos de administração serão feitos por uma comissão composta de sete membros eleitos em assembleia geral, ecètuando-se a primeira, que será composta da comissão organizadora, que distribuirá entre si os encargos.

8.º A comissão, cujas funções serão apenas ezecutivas e nunca de mando, ezercerá o seu mandato por um ano.

9.º A comissão ezecutiva reúnir-se-á tantas vezes quantas forem necessárias.

10.º A assemblea reunir-se-á ordinariamente uma vez por mez e estraordinariamente sempre que haja necessidade.

11.º No cazo de a comissão ezecutiva se ver embaraçada com escesso de trabalho recorrerá ao aussilio dos associados; e quando o Sindicato tiver necessidade de dezignar alguem para esse fim, fá-lo-á,—prestando e encaregado os seus serviços sómente em quanto forem precizos e ganhando o que perceberia no seu trabalho.

12.º O tesoureiro não poderá conservar em seu poder quantia superior a 50$000 reis, devendo aprezentar em todas as assembleias um balancete das entradas e das saídas.

13.º A comissão ezecutiva, só poderá fazer as despezas da secretaria; as outras, só quando autorizadas pelas assembleias.

Aprovadas em reùnião de 10 de Fevereiro de 1908.

PELO ESTADO

Campinas

AOS OPERÁRIOS PINTORES

Esta classe de trabalhadores, uma das primeiras que, em Campinas, se insurjiu e protestou contra a rapacidade dos patrões, há tempos para cá que se deixou apossar dum modorrismo, duma sonoléncia que não saberêmos justificar, nem para a qual incontrarêmos atenuantes.

Nos tempos em que não havia nenhuma espécie de organização, souberam reajir, como o prova uma greve que esta classe promoveu, — na Companhia Mogyana —, e agora que têm o seu sindicato organizado, hão por bem dezinteressar-se do movimento pelo qual se procu-

ra manter o fogo sagrado da revindicta e do protesto.

Camaradas: é da mássima conveniencia, urje que vos organizeis, vos filieis no sindicato já ezistente e tomeis o cuidado e o empenho de trabalhar pelo progresso da cauza operária, que é a vossa cauza: está nisso a única garantia possivel para adquirirdes mais um pouco de pão, mais liberdade, mais descanço e mais consideração da parte dos que continuamente vos esploram e vos vilipendiam.

Campinas.

UM PINTOR.

Ribeirão Preto

(ORLANDO) As infamias que contra nós são cometidas nesta época inquizitorial são devidas a falta de organização, á inconciencia, à malvadez que eziste entre nós. Porque pagam os patrões como e quando querem? — Porque somos bobos. — Porque é que quando despedem um operário não lhe fazem logo o pagamento?— Por cauza da nossa má-vontade. —

Vêdes, companheiros: os que se dão o titulo de empreiteiros construtores? Na maioria dos cazos, se os operários não se mostram rezolvidos, ficam a ver navios e devem aguentar todos os prejuizos. Entretanto nada aqui se faz para evitar tamanha infámia; pelo contrario, baixamo-nos cada vez mais, dia a dia ficamos cada vez mais escravos. Aí está: Porque, por ezemplo, devem os operários pagar mata-bichos ao mestre da carpintaria do «Banco Construtor?» Que direito tem êle de ezijir a nossa contribuição para satisfazer os seus dezejos alcoolicos? Não ganha o duplo de um operário?

E' sabido que os que pagam mata-bichos ao mestre passam melhor o dia na oficina, mas não sabeis, companheiros, que esse mesmo alcool faz com que èle judie dos operários mais concientes, chegando ao ponto de cobri-los de invectivas? Este patife culpa os operários dos erros que não cometeram, pois é êle, que continuamente embriagado, se engana nas medidas. A final o procedimento do Sr. João Ibeln é dos mais provocantes.

Ha poucos dias ainda cometeu uma das suas àções criminozas: Um oficial chamado Brodowski que ganhava 4$500 reis por dia neste ergástulo, saiu, chamado por outro, para ganhar 6$000 reis; o velhaco não lhe quiz fazer o pagamento porque disse não tinha sido avizado com 10 dias de antecedencia. Mas quando è que o João tomou este prazo para despedir algum operário? Com que direito pode êle impedir que os operários melhorem suas condições?

Espostas estas verdades pergunto eu: que meio estamos pondo em pratica para combater este homem malvado? Nenhum!...

Procurar melhoramentos pagando mata-bichos aos nossos sicários e a seus secretas é o cumulo da baixeza. Chega de bajulações companheiros. Organizemo-nos para protestar contra todas as injustiças, contra todos os parazitas do nosso paiz.

Que vale aplaudir os propagandistas se depois não pomos em ezecução os seus conselhos e continuamos a ser bajuladores e cobardes?

Organizemo-nos, combatamos todas as injustiças, todas as nossas desgraças: e assim nos será facil triunfar dos nossos opressores.

A postos, operários de Ribeirão Preto!!

Operários!
Lêde a LUTA PRÓLETÁRIA.

Jundiaí

Corr.) A Liga continua a marchar a passo de carrera. O numero de socios aumenta dia a dia e sempre maior é o entuziasmo dos operários pela nossa associação de classe. Já diversos moços de boa vontade começaram a trabalhar incansavelmente pela propaganda e entre êles é precizo salientar o companheiro Eduardo Pagano que tambem nenhum esforço poupa para ser-nos util.

Na assembeia realizada no dia 4 de Março um operário vitima da greve da companhia Mogyana fiz uma boa conferencia sobre o Antimilitarismo e os direitos do proletariado que foi muito aplaudida.

As listas de subscrição pela «Luta» vão enchendo-se, e quanto antes vos mandaremos o dinheiro.

Espirito Santo do Pinhal

PERSEGUIÇÕES

A Liga Operária desta cidade viu-se obrigada a tomar a iniciativa dum protesto contra a Camara Municipal, pelos impostos escandalozamente vexatòrios em que foram colétados os trabalhadores, toda a classe proletária daqui. Isto bastou para a burguezia local abrisse a suas garras afiadas e inicias-e contra os sócios da Liga um sistema de perseguições sem limites. Nesta tarefa é éla chefeada pelo Doutor Vito de H. Mota, delegado interino desta cidade.

Este senhor tem começado a maltratar vergonhozamente a classe operária e particularmente os artistas que pertencem á Liga.

As perseguições começaram contra os nossos sócios João Gonçalves è Euclide Camara.

O primeiro estava de cama muito doente; entretanto, foi obrigado levantar-se as 9 horas da noite e ir á policia escoltado por praças. Ali foi êle inquerido pelo delegado, que declamou sentenciozamente que era nossa intenção depôr o prefeito municipal, ao que eramos incitados pelos srs. Hadock Cabo e Lauro de Vasconcellos.

Descarada mentira!!

Estes homens sao burguezes; são politicos e nada têm que ver conosco.

Não contentes com as suas proêzas, perseguiram agora o sr. Alipio Moura digno redàtor da «Rezistencia», órgão que defende os interesses dos oprimidos.

O camarada Euclides Camara foi pelo mesmo facto inquirido na policia, onde foi apontado como anarquista, homem sem religião, etc. Pouco faltou para que o declarassem cumplice do atentado contra o rei de Portugal ou interessado na farça do general Hermes da Fonceca.

Enfim, aqui estamos num insuportavel periodo de perseguições cujo alvo maior è a nossa Liga, que èles chamam Liga de anarquistas e estranjeiros.

Ninguem tem aqui direito á vida, e qualquer chefe de familia se acha esposto ás ameaças destes pretorianos.

Hontem, na ocazião em que o camarada Euclides ia ao correio, incontrou-se com dois gordos burguezes e um dèles, dizignando-o disse ao outro: «Ali vae um dos tais da Liga. Porco sujo!!»

Esprimiu-se assim certamente porque o companheiro vestia um trajo salpicado de cal.

Ah! descarados patifes!!

O trajo mais sujo dum operário é mais honrado que as vossas roupas caras, porque não é roubado como os que vós vestìs!

O mais bonito foi o áto dum lacaio que estava ao lado destes dois tipos e que deu uma rizada alvar ao houvir o remoque dirijido aos nossos socios. De resto, isto não espanta ninguem, pois todos sabem que êle preciza de *puxar* para não morrer de fome, porque não tem corajem de lutar pela vida.

O resto di-lo-ei noutra carta.

UM SÓCIO DA LIGA.

Reùniões

Pedreiros. **A «Liga de Rezistencia entre pedreiros e anecsos» convida os seus sócios para uma reùnião geral da classe que se realizará no dia 14 do corrente ás 7 e meia horas da noite, na nossa sede. A mesma pede aos sócios que não faltem; deve-se tratar de assuntos de muita importancia para a nossa classe.**

O CONSELHO

Canteiros. — **Lembramos aos socios do «Sindicatos dos Trabalhadores em pedra e Granito» que a assembleia geral se realizará no Dómingo 8 de Março as 8 hòras da manhã.**

Pintores. — **A Liga dos Pintores convida os seus socios a assistirem á assembleia geral da classe que se realizará no dia 7 de Março as 7 horas da noite na sua sede a R. José Bonifacio 33.**

Serão discutidos assuntos de muita importancia entre êles a adesão ao 2.º Congresso Operário.

Bibliotéca Sociolojica

E' de todos já conhecida a escassez de livros de orientação libertaria em lingua portugueza, escassez esta lamentada constantemente por muitos camaradas, que desejariam ter a mão esse poderozo meio para melhor aumentar a sua àção.

Entre os que se preocupam pela literatura (e que, por desacordo com a burguezia, sentem necessidade de impulsionar a que mais se ajuste com o seu ideal) tambem eziste de ha muito essa preocupação mal esboçada talvez.

Foi attendendo a esta necessidade que o camarada Altino Terra fundou uma bibliotéca que tem por titulo o que encima estas linhas tendo já no prelo o livro de Federico Urales, editado pela «Escuela Moderna», de Barcelona, *Semeando Flores* que em breve estará pronto.

Em seguida a esse interessante livrinho de Urales serão editados folhetos e opuscolos, conforme a aceitação.

«Semeando Flores» terá 160 pajinas pouco mais ou menos, em tipo pequeno, formando um agradavel volume, cujo preço será de 600 REIS, havendo abatimento para os pedidos de mais de 10 ezemplares.

Para estabelecer a edição convem que os interessados enviem desde já os seus pedidos para Altino Terra, ao Centro dos Sindicatos Operários, rua do Hospicio, 156, sobrado. Rio de Janeiro.

Balancetes

Balancete da «Luta Proletaria» até o N.º 5

ENTRADAS:

Sindicato dos Canteiros	50$000
Sindicato dos Graficos	40$000
Liga dos Pintores	100$000
Liga Vedreiros A. Branca	200$000
Liga Trabalhadorees em Madeira	50$000
Sindicato dos Tecelões	15$000
Sindicato dos Metalurjicos	15$000
União dos Pedreiros	50$000
Sidicato dos Tijoleiros	30$000
Sindicato dos Vehiculos	20$000
Assinaturas recebidas	286$800
Total Entradas	856$800

SAIDAS:

Impressão 5 numeros	450$000
Caretss 4 numeros	7$500
Selos (espedição é correspondencias)	32$900
Viagens:	
19 Janeiro—Campinas	8$500
26 Janeiro—Jundiaí	5$000
2 Fevereiro—Amparo	18$000
8 Fevereiro—Conceição	1$000
Depezas gerais:	
a J. H. Moura—Livros	7$1000
Impressões de talões e listas	50$000
Tinta, penas, papel, barbante, gomma etc.	15$000
Porcentagem ao cobrador	28$600
Pago ao Empregado da espedição	30$000
Pago ao encarregado da redação	150$000
Total Saida	803$600
Saldo	52$900

BALANCETE DA FESTA DA LIGA DOS TRABALHADORES EM MADEIRA

ENTRADAS:

Bilhetes vendidos pelos companheiros (218)	327$000
Bilhetes vendidos á porta (18)	27$000
Leilão de objetos oferecidos	10$000
Total, Entradas	364$000

SAIDAS:

Impressão de cartões	15$000
Aluguel do Salão	60$000
Muzica	65$000
Àtrizes	40$000
Cerveja para o palco e para a muzica	15$500
Carretos	4$200
Bondes	2$400
Despezas de palco	6$400
Dois dias perdidos aos companheiros da comissão	13$500
Total, Saidas	222$400
Entregue aos Chapeleiros	50$000
Resto em Caixa	92$000

Ha ainda a receber a importancia de 27 bilhetes vendidos.

Bazes do Sindicalismo

POR

Emilio Pouget

Editado pela biblioteca de *A Luta*, de Porto Alegre.

1 ezemplar	$200
10 ezemplares	1$500
50 »	5$000
100 »	7$500

E' um folheto utilissimo para a propagando sindicalista.

Pedidos a esta Redacção.

Não compremos os generos de F. MATARAZZO & C.

FOLHETIM N. 6

O DIA DE 8 HORAS

Tradução da brochura editada pela Confederação Geral do Trabalho de França

Portanto, acentuando sempre as suas exigencias, a Classe Operaria serve a causa do progresso em geral: longe de conduzir a industria á ruina, ella salva-a da decrepitude e abre-lhe horisontes nóvos; e, graças ás suas incessantes reivindicações, apezar d'um menor esforço humano, o poder de produção augmenta. Afinal a redução das horas de trabalho humano não póde deixar de facilitar o desenvolvimento da produção. De fácto, a força produtiva dum operario, longe de ser inextinguivel, não vae alem dum certo nivel em vinte e quatro horas e se tentarmos excedê-lo — o que acontece com as longas jornadas — deste excesso de trabalho resulta o esgotamento da força produtiva dos dias seguintes: é um emprestimo feito sobre elles.

O que se póde fazer é regular o dispendio desta força num espaço de tempo mais ou menos longo. Se elle é dividido por um grande numero de horas de trabalho, a actividade humana resulta forçozamente enfraquecida: gastando-se em 10 horas a capacidade produtiva diaria dum operario, os movimentos são mais lentos, a atenção é menor, a produção menos activa do que com a duração do trabalho limitada a 8 horas. E neste caso uma maior rapidez de execução compensa a diminuição do horario.

Ora, assim como o aumento da energia produtora compensa a perda do tempo de trabalho, assim tambem a diminuição da jornada è proveitosa para a industria. E como um exame serio da produção capitalista demonstra que as 8 HORAS não são o limite em que o aumento da energia operaria seja inferior a diminuição do tempo, os patrões, podem aceitá-las, que isso não os arrasta á falencia.

Os fáctos que resaltam das estatisticas dos ultimos cinquenta annos são innegaveis: o poder produtor tem aumentado na razão da diminuição das horas de trabalho. Esta capacidade produtora prende-se estreitamente ás tabelas do salario: se o trabalhador se pode alimentar bem, a sua força de produção desenvolve-se. Por isso é que na Inglaterra com altos salarios e menos horas de trabalho obtiveram uma produção maior; por isso tambem é que, no ponto de vista capitalista, a Gran-Bretanha não tem a concorrencia estrangeira.

—

Observado isto, qual será — frente a frente com os patrões — a situação dos trabalhadores que se recuzem a trabalhar mais que 8 HORAS POR DIA?

Se com as 8 horas produzem tanto como dantes, aumentam assim o lucro do patrão. Com efeito, as varias despezas de força motriz, iluminação, deterioração das maquinas, etc., são atenuadas pela redução das horas de trabalho e isto é para o capitalista um beneficio real. Portanto, nada lhe custa conservar, na tabella antiga, o salario do operario. Por outro lado, não é porventura bastante logico que o operario exija a sua parte no beneficio que fez ao patrão diminuindo-lhe as despezas geraes? Claro que sim! e, por consequencia, é muito bem fundada a exigencia dum aumento de salario.

De resto, por mais doloroza que esta amputação de lucros possa ser para os patrões, ella não os reduzirá á fallencia.

O exemplo dos paizes onde o dia de trabalho é de 8 HORAS (ou pouco mais), dá-nos a prova disso. Nesses paizes, os patrões enchem os bolsos, apezar de tudo.

Não nos arruinemos, pois, por essa raça de parazitarios.

Emquanto a esploração humana não for, no seu principio, totalmente desarraigada do solo social, os esploradores saberão engendrar meios de viver á custa dos trabalhadores.

Assim, ha probalidades de que, pelo simples jogo do desenvolvimento do consumo, consequencia das necessidades novas que a Classe Operaria se creará (necessidades resultantes do aumento dos salarios, do acrescimo do tempo livre e tambem do emprego de operarios até agora dezocupados), ha probalidades de que os patrões recuperem os proveitos que a redução das horas de trabalho lhes tenha feito perder. De facto pode ser que, em cada producto, o lucro seja menor; mas como a cifra dos negocios aumenta a compensação estabelecer-se-á.

Temos unicamente de estar alerta, e com uma atenção incançavel, para que os patrões não recuperem o seu lucro por meio de um aumento em prejuizo dos consumidores. Habitualmente, o seu sistema é este: quando, em seguida a uma greve os operarios duma especialidade qualquer obtêm cinco por cento de aumento, os esploradores valem-se desse pretexto para aumentarem o preço da sua mercadoria mais vinte por cento.

Devemos, pois, evitar que á aplicação do DIA DE 8 HORAS, não se siga semelhante ladroeira. Devemos evitar que a melhoria produza um encarecimento dos generos de consumo. Porque, nesse caso. só haveria proveito reaes para os esploradores, cujos lucros cresceriam por diversos processos — e a Classe Operaria não teria realizado senão uma mutação nos encargos economicos

Para evitar esta repercussão, que diminuiria o nosso poder de consumo, temos que empregar a boicotagem: boicotando sem dó nem piedade todos os esploradores que tentem desforrar-se com o aumento dos seus productos, dfficultamos-lhes tais bandalheiras. E se a boicotagem não for o bastante para incutir vergonha nessa gente de unhas rapaces, poderá acalmar-lhe a avidez, o temor duma sabotagem inteligente.

Por outro lado, graças á pratica do *label* que é o contrario do boicot, saberemos a que cazas se deve dar a preferencia: saberemos que nos armazens que ostentam o *anuncio-label*, as condições sindicais são respeitadas, saberemos até se um producto foi fabricado de acordo com essas mesmas condições, se elle tiver *Sello sindical*.

(*Continúa*)